

## **A EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: UM ESTUDO COM PROFESSORES E ALUNOS DO 9ºANO DE ESCOLARIDADE**

**Sónia Cristina Pereira Roçadas Ferreira**

Professora do Quadro do Agrupamento de Escolas  
Professor António da Natividade  
Mesão Frio, Portugal  
soniaguedes2@gmail.com

**Isilda Rodrigues**

Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Trás  
os-Montes e Alto Douro, UTAD, Portugal  
Investigadora do CIEE, Universidade do Porto, Portugal  
isilda@utad.pt

*Fecha de Recepción: 9 Enero 2019*

*Fecha de Admisión: 30 Abril 2019*

### **RESUMO**

O objetivo deste estudo foi identificar os conhecimentos e comportamentos de alunos do 9º ano de escolaridade de 4 escolas da região norte de Portugal e caracterizar as práticas de Educação Sexual com adolescentes, desenvolvidas em escolas públicas. Esta investigação procurou ainda averiguar e analisar a forma como os normativos sobre Educação Sexual são aplicados na escola e se existe sucesso ao longo da aprendizagem.

Tratou-se de um estudo descritivo e exploratório, de abordagem mista, no qual participaram sete professores e oito turmas do 9º ano de escolaridade (duas turmas de cada escola), de quatro escolas pertencentes do norte de Portugal. Os instrumentos que utilizámos para a recolha de dados foram um pré e pós- teste, aos alunos e entrevista aos professores dos respetivos alunos.

Os resultados evidenciaram que após a intervenção dos professores, houve uma melhoria na conceção de vários parâmetros relativos à ES (Educação Sexual), nomeadamente no relacionamento entre pares e com o professor. A ES não teve qualquer efeito negativo nos conhecimentos, atitudes ou comportamentos dos adolescentes portugueses.

Foi possível inferir sobre o sucesso das aulas de ES através da aplicação de determinadas estratégias, tais como as aulas menos expositivas, com atividades mais práticas e com a intervenção de colaboradores não docentes. Há a salientar o seguinte, em alguns casos os alunos sentem-se mais à vontade com pessoas não docentes, pois pensamos que é mais difícil os pais saberem de determinada situação e ao mesmo tempo, como o agente de maior responsabilidade pelos alunos de uma turma, na escola é a pessoa Diretor de Turma (DT), os alunos relacionam DT com Encarregado de Educação.

**Palavras-chave:** adolescência; alunos; educação sexual; escola; formação; pais; professores; projetos em ES

### ABSTRACT

**The Sexual Education in school: a study with teachers and a 9<sup>th</sup> grade students.** The aim of this study is to identify the knowledge and behaviour of 9<sup>th</sup> grade students from 4 schools from the north region of Portugal, as well as to characterize the Sexual Education practices with adolescents, developed in public schools. This investigation sought to ascertain and analyze, in general terms, the way in which the legislation guidelines on Sexual Education are applied at school and if there is success throughout learning.

It was a descriptive and exploratory study, with a quantitative and qualitative approach, in which seven teachers and eight groups from the 9th year of schooling participated (two classes from each school), from four schools belonging to the north of Portugal. The instruments we used for the data collection were a pre- and post-test, to the students and an interview with the teachers of the respective students.

The results have showed that after the intervention of the teachers, there was an improvement in the conception of several parameters related to ES (Sex Education), namely in the relationship between peers and with the teacher. ES had no negative effect on the knowledge, attitudes or behaviour of Portuguese adolescents.

It was possible to infer about the Sexual Education lessons success, by the application of certain strategies as less show lessons, more practical activities with non-teaching staff intervention. It should be noted that in some cases the students feel more comfortable with non-teaching people. This because we think that it is more difficult for parents to know of a certain situation and at the same time as the agent of greater responsibility for the students of a class, at school is person Class Director, students relate Class Director with Head of Education.

**Keywords:** sexual education; ES projects; students; adolescence; training; teachers; school; parents

### INTRODUÇÃO

As escolas, em geral, realizam aulas de Educação Sexual (ES) e os professores, que são responsáveis pela sua concretização em espaço escolar, têm de cumprir os normativos estabelecidos pelo Ministério da Educação. Para que exista uma sintonia entre as escolas do Norte de Portugal, existe o programa Programa Regional de Educação Sexual em Saúde Escolar (PRESSE), lançado pela Administração Regional de Saúde do Norte), do qual constam um conjunto de atividades a serem realizadas dentro da sala de aula, no âmbito da ES. As escolas podem ou não aderir a este programa e, se aderirem, podem ou não cumpri-lo na totalidade.

Nesta investigação pretendemos identificar os conhecimentos sobre ES dos alunos envolvidos e analisar as estratégias que os professores aplicaram na sua concretização. Para além disso, pareceu-nos também pertinente, avaliar o processo de implementação da ES, tentando perceber se a legislação tem sido cumprida e de que forma tem contribuído para a prossecução da ES em contexto escolar.

A escolha deste tema “Educação Sexual em meio Escolar” deveu-se ao nosso envolvimento, desde há alguns anos, na implementação da Educação Sexual em meio escolar. Tarefa que não tem sido fácil, pois não chega a disposição e o voluntariado para cumprir e o cumprir para nós é um compromisso de melhorar cada dia mais, a atitude, a disciplina, a compreensão, diminuir a crença na invulnerabilidade e a emancipação precoce dos jovens a nível sexual. A adolescência é um período

do muito rico em experiências novas, ocorrendo a construção da identidade em que os jovens adquirem autonomia para as futuras escolhas com responsabilidade.

Verificámos, nos últimos anos dedicados a esta problemática, que as escolas da zona norte trabalham de forma muito semelhante, com base no Programa PRESSE. Em geral nas escolas, para a implementação da ES, os professores recorrem às atividades que se encontram no PRESSE adaptam-nas aos seus alunos. Para além destas, alguns professores recorrem aos agentes de saúde pública, nomeadamente Centros de Saúde dos locais onde as escolas estão inseridas, contando para isso com a colaboração da equipa Programa de Educação para a Saúde (PES), quando existe Coordenador do PES.

Desde que saiu a obrigatoriedade da lecionação de aulas em ES, através da publicação da nova lei de Educação Sexual, a 6 de agosto de 2009, as escolas estão, na nossa opinião, a desempenhar o melhor que podem esta tarefa, mas está difícil de conseguir o sucesso que se pretende, pois não se sabe muito bem o que fazer, como fazer e onde terminar. Se existisse alguma legislação suplementar após a introdução desta lei, a qual foi prometida mas nunca foi revelada, seria provavelmente um caminho menos árduo para as escolas. A nível nacional, existem escolas que trabalham projetos por sua própria autonomia, outras deixam à responsabilidade dos professores, outras ainda dependem do trabalho voluntário de um pequeno número de professores.

Ao longo do tempo, no desempenho da nossa atividade docente, constatámos que existe cada vez mais informação e formas de os jovens a adquirirem, o que não significa que seja com a qualidade e importância que deveria ser. Parece-nos que não é a quantidade e a banalização de informação que promove a aprendizagem da ES entre os jovens. Continuamos a encontrar lacunas no conhecimento científico e comportamentos sexuais irresponsáveis dos jovens, nomeadamente a ainda ocorrência da gravidez, o não querer usar preservativo, o preconceito, desigualdades de poder entre os sexos. Muito contribuiu, também para realização deste trabalho o acesso e bombardeamento de vários tipos de informação, nomeadamente fora do circuito escolar, como relatórios e artigos sobre o tema, de agentes exteriores à escola, com visão diferente, do que se passa na escola, por vezes, sempre com a mesma preocupação.

Por outro lado, defendemos que não se deve ensinar apenas o caráter reprodutor, o corpo humano e as doenças a evitar, que no caso dos professores que têm essa matéria planificada no programa torna-se relativamente fácil, mas sim que a a bordagem seja mais abrangente e que estes aprendam a ter um melhor conhecimento da sociedade e como viver nela conscientemente e com responsabilidade, sem esquecer o papel preponderante dos afetos. A sexualidade e os afetos estão muitas vezes associadas, dado que é normal que o envolvimento sexual aconteça com alguém a quem estamos afetivamente ligados, quer por conhecermos bem ou não.

Ao longo da nossa investigação foi possível perceber que pelo menos na zona Norte do país, em algumas escolas, segue-se um mesmo programa que serve de orientação, o programa PRESSE (Programa Regional de Educação Sexual em Saúde Escolar), iniciado pela Administração Regional de Saúde do Norte, por intermédio do seu Departamento de Saúde Pública, em conjunto com a DREN, em que um grupo de responsáveis, ligados à saúde elaboraram um conjunto de atividades para os vários ciclos de ensino, tornando mais próximo entre si o trabalho a desempenhar, dado que durante as horas estipuladas para a sua concretização, os professores envolvidos, que normalmente são de várias disciplinas realizam com os alunos algumas das tarefas, de acordo com a sua disciplina. Para a concretização real existe uma parceria entre pessoal dos centros de saúde e escola. Este Programa teve um projeto piloto em 2008/2009, com 22 escolas selecionadas.

Com alguma atenção, ao longo do nosso trabalho em várias escolas outra preocupação nos saltou à vista, tantos anos seguidos com o mesmo programa? As escolas terem uma base comum para

## **A EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: UM ESTUDO COM PROFESSORES E ALUNOS DO 9º ANO DE ESCOLARIDADE**

trabalhar é bom e bastante cómodo, mas urge fazer algo também a este respeito. Os alunos durante o 1º, 2º e 3º ciclos trabalham com os seus professores nas várias atividades que se encontram num dossiê, disponível em digital, adaptado para cada ciclo e no secundário acontece o mesmo. Observa-se uma saturação dos alunos e até dos próprios professores, pois de um ano para o seguinte apesar de variar em algumas questões as semelhanças são muitas. Mas claro, mais vale fazer alguma coisa do que não se fazer nada e mesmo entre os professores quando o assunto é aulas de ES e PRESSE estão sempre em sintonia!

Cada vez mais os meios externos à escola estão mais acessíveis e próximos da vida escolar, mas não existe uma coordenação a nível do país para este feito, o que é lamentável, pois existem meios, mas o fio condutor entre as várias escolas não existe. Observa-se um modernismo a nível do país, mas continuamos analfabetos em ES. Terá que ser um trabalho global, com as mesmas linhas a serem seguidas, para não existirem as diferenças comportamentais entre os alunos e até das próprias escolas entre si. Existe um compromisso como tarefa docente, que consiste na transmissão, de uma forma profícua e inesquecível, não só de conhecimentos na área das Ciências Naturais, Biologia e Geologia, bem como na área da Educação Sexual. Uma outra razão como promotora desta investigação, prende-se com a importância que as políticas deste país dão à Educação Sexual que se promove nas escolas. O Programa Nacional de Saúde Escolar (Amann, Leal e Matos, 2014) estabeleceu como visão que todas as crianças e jovens devem frequentar uma escola que promova a saúde e o bem-estar, definindo várias áreas de intervenção, entre as quais figura a promoção dos afetos e a educação para a sexualidade, que é considerada como área prioritária.

Maia e Aranha (2005) e Rodrigues (2012) sugerem que a formação dos professores na área da Educação Sexual possui uma lacuna, tanto no caso dos do ensino regular como dos da educação especial, na sua generalidade, as ações de formação sobre orientação sexual ou que tenham envolvido esta temática não estão a ser capazes de transformar as concepções sobre orientação sexual, dos docentes que nelas participam, em mais positivas comparativamente com as dos que nelas não participam. Para além da formação a que os docentes no ativo devem ter acesso, todos os futuros professores deveriam ter formação nesta área ao longo da sua licenciatura, fosse qual fosse, pois estamos a falar de uma temática transversal e é necessário também uma nova perspetiva em relação à ES. Atualmente, existem mais alunos desmotivados para a aprendizagem das temáticas de cada disciplina, pois estar dentro de uma sala de aula a ouvir um professor, ou a trabalhar com um professor e colegas, seja de que área for, não é o mesmo que estar a receber informação através por exemplo de um telemóvel, que lhe permite viajar e ver tudo o que quiser e durante o tempo que quiser. Nesta idade em que se concentrou o nosso estudo, dadas as suas características que promovem a aproximação da atividade sexual, nem assim parece ser levada a sério pelos nossos alunos, logo continua a existir muito trabalho a desbravar com os jovens.

### **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada foi mista, com investigação quantitativa – Questionário aos alunos: pré e pós-teste; e qualitativa – Entrevistas aos professores. Neste texto apenas serão apresentados os resultados da primeira parte do estudo.

Para recolha de dados, um pré e pós-teste aplicado a alunos do 9º ano de 4 escolas, o que nos facultou chegar a determinadas conclusões e eles próprios ficaram com a noção mais evidente da mensagem que os professores pretendem transmitir aos alunos. O questionário a que recorremos já tinha sido utilizado num outro estudo realizado por Novais (2017).

O inquérito realizado aos alunos era constituído por questões socioeconómicas para caracterizar o perfil do aluno, o sexo, a idade, o nível socioeconómico e 15 questões fechadas. As questões fechadas apresentam-se de um modo geral em duas formas: escolha múltipla, envolvendo um con-

junto de respostas alternativas, onde se enquadra a escala de Likert e dicotómicas, apresentando apenas duas opções de resposta: sim/não. Verdadeiro/Falso.

No total foram objeto deste estudo 8 turmas, 164 alunos e 7 professores, dois por escola, mas numa delas, só um docente é que lecionou todas as turmas de 9ºano, no ano letivo 2015/2016. As turmas da escola 1 tinham 23 e 24 alunos, da escola 2, tinham 19 e 25 alunos, da escola 3, comportavam 24 e 17 e da escola 4, 12 e 20 alunos. Justificamos esta escolha devido à proximidade entre as escolas e às diferenças de meio entre elas, desde rural, a próximo de urbano e urbano. A escola 1 localiza-se num meio mais pequeno que todas as restantes, mais rural. A escola 2 localiza-se num meio próximo do urbano, com características intermédias. A escola 3 localiza-se num meio urbano e a escola 4 pertence a um meio semelhante à escola 1, mas são as que estão mais distantes entre si.

Dos 164 alunos inquiridos, 75 eram do sexo masculino com idades compreendidas entre os 14 e os 16 anos ( $M=14.61$ ;  $DP= 0.75$ ) e 87 pertencem ao sexo feminino cujas idades estão compreendidas entre os 13 e os 18 anos ( $M=14.43$ ;  $DP= 0.77$ ), que frequentaram o 9º ano de escolaridade, no ano letivo 2015/2016.

Foram feitas entrevistas semiestruturadas aos professores participantes que partilharam o seu trabalho e a sua disponibilidade para explicarem o tipo de programa que seguiam nas suas aulas de ES, no entanto, esses resultados serão apresentados em outra altura.

A recolha de dados foi feita pela professora investigadora no contexto escolar, em 2 momentos:

1º) nos meses de fevereiro a março do ano letivo 2015/2016, recolheu-se os dados do pré-teste e nos meses de maio e junho os do pós-teste.

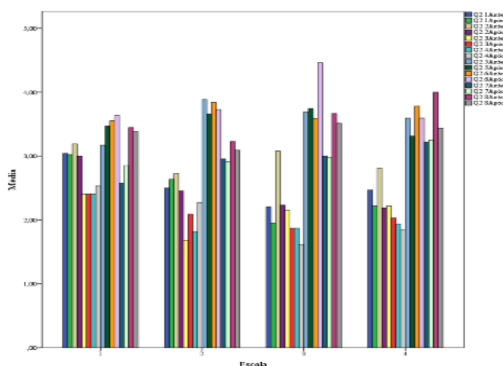
## APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A análise dos resultados, sendo uma análise estatística contempla duas abordagens: a análise descritiva univariada das variáveis, média (M), desvio-padrão (DP), percentagens e representações gráficas, sempre que apropriado e a aplicação de técnicas estatísticas paramétricas e técnicas não paramétricas para entender o comportamento das variáveis em estudo.

Na figura 1 apresentam-se, os resultados da questão 2, que diz respeito à opinião que os alunos têm acerca da sexualidade, da qual fazem parte 8 itens avaliados em escala de likert (1- discordo totalmente, 2- discordo, 3- concordo e 4- concordo totalmente).

Por análise dos resultados, verifica-se diferenças entre as várias escolas quer no pré-teste quer no pós-teste para os diferentes itens.

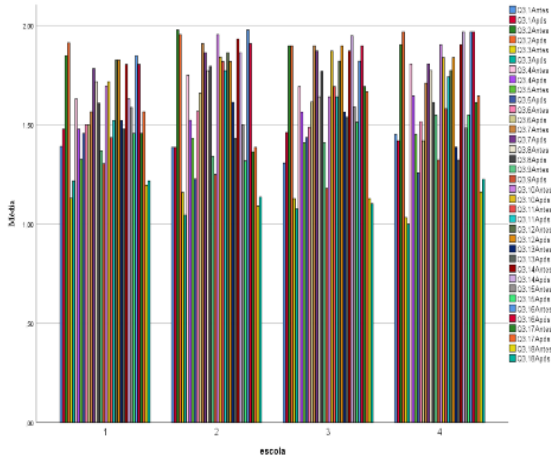
Figura 1- Distribuição de cada um dos itens da questão.



## A EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: UM ESTUDO COM PROFESSORES E ALUNOS DO 9º ANO DE ESCOLARIDADE

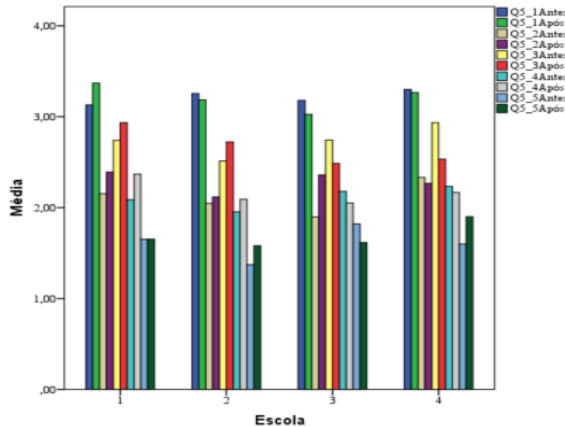
Na figura 2 estão representados os resultados nos dois instantes de avaliação, relativos à contraceção. Pela análise da figura, verifica-se que existem diferenças, nos diferentes itens avaliados, antes da formação de ES e após a formação nas escolas estudadas.

Figura 2- Distribuição de cada um dos itens na questão 3.



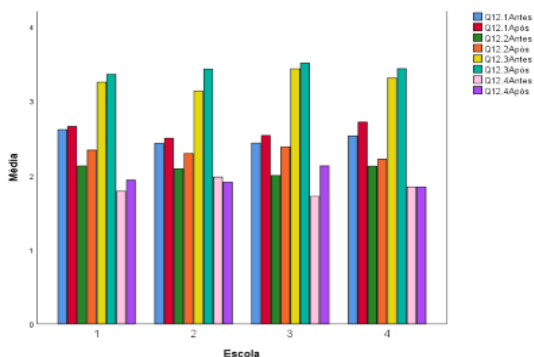
A Figura 3, que ilustra os resultados das pontuações da questão 5, “Como te sentes a falar de Educação Sexual”, em cada uma das escolas. De acordo com o teste de Wilcoxon verificaram-se diferenças estatisticamente significativas, para as Escolas 1, 3 e 4.

Figura 3- Resultados da questão 5, nas várias escolas.



Observaram-se diferenças nos resultados antes e após a formação relativos aos 4 itens da questão 12 (medidos numa escala ordinal de 1- Discordo Totalmente a 4- Concordo Totalmente). A Figura 4 ilustra a distribuição dos scores.

Figura 4- Distribuição dos scores observados antes e depois da formação.



Para a avaliar se essas diferenças são significativas, recorreu-se ao teste não paramétrico de Wilcoxon. Para avaliar a eficácia da formação por género recorreu-se ao teste não paramétrico Wilcoxon-Mann-Whitney (Tabela 1).

Tabela 1- Resultados da aplicação do teste não paramétrico Wilcoxon-Mann-Whitney.  
\*nível de significância de 0,05; \*\* nível de significância de 0,01

	Escola			
	1	2	3	4
Item1	(Z=-0,953, p=0,341)	(Z=-0,471, p=0,637)	(Z=-0,164, p=0,870)	(Z=-0,408, p=0,683)
Item2	(Z=-3,131, p=0,002) **	(Z=-1,198, p=0,231)	(Z=-1,342b, p=0,180)	(Z=-0,646, p=0,518)
Item3	(Z=-2,132, p=0,033) *	(Z=-0,192, p=0,847)	(Z=-0,866, p=0,386)	(Z=-1,031, p=0,302)
Item4	(Z=-0,319, p=0,750)	(Z=-0,577, p=0,564)	(Z=-0,346, p=0,729)	(Z=-0,802, p=0,423)

## DISCUSSÃO

Os resultados obtidos, de um modo geral mostram que na questão 1 houve uma melhoria em todas as escolas. No que respeita ao género, destaca-se a escola 3, em termos de evolução na aprendizagem do conceito Sexualidade, dado o número de respostas que se aproxima do pretendido ser em maior número. O provável resultado da Escola 3 deve-se à existência de formação contínua dos professores na área da ES e à existência de Coordenador da ES nos dois ciclos de ensino (3º ciclo e secundário), que promovem a realização de reuniões com os professores que lecionam esta área e a intensificação de atividades práticas com intervenção de agentes exteriores à escola. Salienta-se a escola 4, em termos de evolução do conceito de Sexualidade nos rapazes, pois os resultados no pós-teste aproximaram-se mais dos pretendidos. Estes resultados podem dever-se a que um dos professores que leciona ES ser DT dos alunos, desde o 7ºano e é um dos dinamizadores do Projeto PES na sua escola, desde há alguns anos a esta parte.

Na questão 2, houve melhoria dos resultados, após a formação. Destaca-se a Escola 3 pelos resultados ao nível geral, pois melhorou o valor de um item. Relativamente ao género, destaca-se a

## A EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: UM ESTUDO COM PROFESSORES E ALUNOS DO 9º ANO DE ESCOLARIDADE

Escola 1, porque houve melhoria em dois itens, no pós-teste. Na Escola 1, o resultado poderá derivar do trabalho em equipa entre professores, psicóloga, animadora sócio-cultural e enfermeiro, presentes na escola.

Em relação à questão 5, houve uma maior evolução após formação na Escola 1, para todos os itens, apesar de nem para todos os itens as diferenças não tenham sido significativas. Quanto ao género, os alunos mesmo antes da formação, na Escola 3, estavam mais à vontade com os amigos e com os colegas, o que pode significar que são mais desinibidos. Pensamos que o facto de viverem num meio mais cidadão promova o acesso mais rápido a determinados espaços, nomeadamente de convívio e intercâmbio e os próprios docentes serem na sua maior parte do quadro daquela escola, desde há muitos anos, havendo um grande conhecimento dos alunos, dentro e fora da escola.

Quanto à questão 6, verificou-se que em todas as escolas existem alunos que iniciaram a sua vida sexual, a maioria com 14 anos ou mais, antes do início das formações em ES. Destaca-se a Escola 2, na qual menos indivíduos iniciaram a sua vida sexual (5) e a Escola 1, onde mais indivíduos iniciaram a sua vida sexual (13). No caso da Escola 2, poderá ter a ver com a permanência de quase todo o corpo docente ao longo de vários anos seguidos. No caso da Escola 1, precisamente o oposto, a pouca permanência do conjunto de professores. Segundo o Relatório do Estudo de 2014 HBSC 2014 (Health Behaviour in School - aged Children), feito a vários adolescentes portugueses, de norte a sul do país, uma amostra representativa da população escolar portuguesa, de 6026 alunos, em que participaram alunos de vários anos escolares, tais como 8º e 10º anos, os jovens, na sua maioria referiram, que tiveram a sua primeira relação sexual aos 14 anos (76,2%); 16,1% e entre os 12 e 13 anos. Dos adolescentes 70,5% refere já ter tido relações sexuais sem ter utilizado o preservativo na primeira relação sexual, 65,5% de rapazes e 79,4% de raparigas. Estes resultados evidenciam uma maior necessidade de intervenção com o grupo mais novo. Mais vem no mesmo relatório, no que respeita aos Motivos para ter relações sexuais quando teve relações sexuais pela primeira vez, aproximadamente 45% dos jovens diz que quando teve relações sexuais pela primeira vez foi porque assim pretendeu, dos jovens que referem já ter tido relações sexuais, os rapazes referem mais vezes que gostariam que a primeira vez tivesse acontecido mais cedo, enquanto as raparigas dizem mais frequentemente que a sua primeira vez ocorreu na altura certa, que preferiam que tivesse acontecido mais tarde, e que não queriam realmente ter tido relações sexuais. Os jovens do 10º ano, referem que a primeira vez que tiveram relações sexuais foi na altura que sentiram vontade para o fazer, 40,3% de rapazes e 51,8% de raparigas, 34,0% no 8º ano e 52,8% no 10º ano. No que respeita a “ Preferia que tivesse acontecido mais tarde”, 9,7% de rapazes e 19,6% de raparigas, 14,8% do 8º ano e 12,0% do 10º ano. Daqueles que responderam “Não queria realmente ter tido relações sexuais”, 3,9% de rapazes e 7,5% de raparigas, 8,4% no 8º ano e 2,6% no 10º ano.

Na questão 7, todos os que iniciaram a sua atividade sexual usaram um método contraceutivo na última relação sexual, na Escola 3 e mais de metade dos alunos das restantes escolas também usaram. O método usado foi o preservativo (questão 8) em todos os casos referidos. Destaca-se a Escola 3, pelos resultados mais próximos dos pretendidos. Pode estar relacionado com a formação contínua que todos os professores têm anualmente, serem os principais responsáveis os DTs, que por sua vez pertencem ao grupo de Biologia e ainda que nessa escola existam dois Coordenadores da ES, no 3º Ciclo e Secundário, com reuniões muito periódicas com os professores envolvidos neste projeto, não apenas nos Conselhos de Turma de Avaliação. Destaca-se pela negativa a Escola 2, no sentido em que alguns elementos do sexo feminino recorreram ao coito interrompido na última relação sexual. Note-se que nesta escola existem elementos de várias etnias, nomeadamente etnia cigana. Tendo em conta o Relatório do Estudo de 2014 HBSC 2014 (Health Behaviour in School



- aged Children), quanto ao uso de preservativos na primeira relação sexual, a maior parte dos adolescentes (70,5%) que refere já ter tido relações sexuais recorreu ao preservativo na primeira relação sexual, 64,7% no 8º ano e 76,9% no 10º ano. São as raparigas que referem mais frequentemente o recurso do preservativo como método contraceutivo na primeira relação sexual sendo que, dos que não usaram 16,8%, são raparigas e 24,1% são rapazes. Os jovens do 10º ano referem mais frequentemente ter utilizado preservativo na primeira vez que tiveram relações sexuais, 76,9% e do 8º ano, 64,7%. No que respeita ao uso do preservativo na última relação sexual, um grande número de adolescentes responde sim, 69,1% de rapazes e 72,9% de raparigas, 66,3% no 8º ano e 73,8% no 10º ano. No respeitante a ter tido relações sexuais após teres consumido álcool ou drogas (questão 9), muito poucos alunos (1 ou 2) disseram que sim. As escolas têm que investir mais na formação em relação ao álcool, devido à involução destes no que respeita à ingestão de álcool de uma forma mais barata e disfarçada e que está na moda, pelos denominados shoots.

Quanto à questão 12, a formação mostrou-se eficaz na Escola 2, porque houve uma maior alteração nas respostas, do pré para o pós-teste, enquanto que nas restantes a formação não trouxe grandes acréscimos, pois estes já tinham a ideia correta.

A salientar que é transversal a todas as escolas, a ideia de que o rapaz é que toma a iniciativa para ter uma relação sexual. Mas também todos eles concordam que devem ser ambos a decidir quando acham que é altura.

Na questão 13, “Na tua opinião os jovens têm a sua primeira relação sexual porque”, destaca-se a Escola 2, após a formação, todos os itens melhoraram, “o quererem experimentar” e “o namorarem há muito tempo” e o “estar apaixonados”. Pensamos que terá relação com o relacionamento entre pares.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em geral parece ter ocorrido evolução quando comparados os conhecimentos dos alunos em ES após implementação do projeto da ES. Deste modo é possível inferir que o sucesso das aulas de ES com determinadas estratégias poderá permitir a aquisição de conhecimentos, competências e valores.

Tentámos alertar os órgãos de poder no nosso país para uma maior valorização da ES nas escolas, com recursos adequados, de dentro e fora da comunidade escolar, quanto mais não seja o agrupamentos por onde passámos para realizar este trabalho.

## REFERÊNCIAS

- Amann, G., Leal, F. e Matos, C. (2014). *Programa nacional de saúde escolar 2014*. Lisboa: Direção-Geral da Saúde
- Novais, A. (2018). Educação sexual no ensino profissional - Um Estudo Quasi-Experimental Envolvendo Uma Proposta De Intervenção Com Recurso À Animação Sociocultural. Tese de Doutoramento apresentada na UTAD. Vila Real: UTAD
- Machado, C. (2014). Dissertação de Mestrado, *Conceções dos docentes da Região Autónoma dos Açores sobre orientação sexual e a sua abordagem em meio escolar, no âmbito da educação sexual*. Universidade Fernando Pessoa . Porto: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.
- Maia, A. e Aranha, M. (2005). Relatos de professores sobre manifestações sexuais de alunos com deficiência em contexto escolar, *Interação em Psicologia*, 9(1), pp: 103-116.
- Rocha, A. e Duarte, C. (2016). Impacto das Políticas Públicas na Promoção da Educação Sexual: o Caso Português. *Global Journal of Community Psychology Practice* Volume 7, Issue 1S February. pp: 2

## **A EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: UM ESTUDO COM PROFESSORES E ALUNOS DO 9ºANO DE ESCOLARIDADE**

Disponível em consultado em <http://www.gjcpp.org>. Consultado em 6 de outubro de 2018.

Rodrigues, C. (2012). *Discursos sobre homossexualidade numa comunidade educativa: perspetivas de professores*. Ponta Delgada, Universidade dos Açores.